LASSABATÈRE, Thierry. *Du Guesclin* – Vie et fabrique d'un héros médiéval. Paris: Perrin, 2015, 542 p.

Carmem Lúcia Druciak [*]
Doutoranda em História
UFPR/NEMED – Université de Poitiers/CESCM

● **Enviado em: 12/10/2016**
● **Aprovado em: 06/12/2016**

As biografias sobre o cavaleiro bretão Bertrand Du Guesclin (±1320†1380) lançadas nos últimos dez anos totalizam mais de quinze exemplares contados entre trabalhos recentes e reedições de estudos realizados no final do século XIX. Nota-se, portanto, que sua trajetória desperta ainda muito interesse entre historiadores e especialistas, principalmente nos domínios da Guerra dos Cem Anos (1337-1453) e na iconografia abundante sobre o condestável observada em vários manuscritos conservados até nossos dias.

A proposta do historiador Thierry Lassabatère, doutor em História Medieval pela Universidade Paris-Sorbonne, é dialogar com a tradição historiográfica sobre Du Guesclin. O autor propõe demonstrar como a vida do cavaleiro, servindo de tema a uma canção de gesta em versos alexandrinos, composta pelo trovador da região da Picardia, no norte da França, Cuvelier, entre 1380 e 1385 aproximadamente, *La chanson de Bertrand Du Guesclin*, foi sendo apresentada e utilizada logo após sua morte para propagar uma imagem de herói da medievalidade latino-cristã. Lassabatère defende ainda que foi o texto do trovador, inserido em um ambiente de discurso favorável à memória do cavaleiro, o principal propagador do renome que alcançou Du Guesclin e elenca essa obra como sua principal fonte para a discussão que constrói ao longo de seu estudo.

Sua proposta aliás se orienta sob a tradição que abriu nos anos de 1990 outro historiador francês, de quem Lassabatère se diz devedor, George Minois que publicara a última grande biografia de Du Guesclin realizando um extenso trabalho de arquivo cotejando obras literárias e documentos administrativos. Além disso, e talvez aqui esteja a maior

[*] Mestre em Estudos Literários pela UFPR. Tradutora. Professora de Língua e Literatura francesas. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná em cotutela com a Universidade de Poitiers, na França. Bolsista CAPES. Membro discente do Núcleo de Estudos Mediterrânicos da UFPR e do Centre d'études supérieures de civilisation médiévale da Universidade de Poitiers.

contribuição dessa abordagem, foi o êxito que teve Minois ao retirar da biografia do bretão as imagens-clichê e de senso comum que havia sobre o condestável e que o mantinham sob um mito, colocando igualmente no debate historiográfico as suas derrotas e más decisões que durante muito tempo foram como que mascaradas pelos biógrafos positivistas da segunda metade do século XIX que erigiram a imagem de Du Guesclin como um de seus heróis patrióticos. A edição do texto de Cuvelier que privilegia Lassabatère é a editada por Jean-Claude Faucon nos anos de 1990, edição crítica em três volumes; no entanto, sem deixar de constatar algumas nuances diferentes de um manuscrito a outro, o historiador também recorre à edição de 1839 de Ernest Charrière que apresenta algumas passagens um pouco diferentes daquelas da edição de Faucon. A propósito, Cuvelier se mostra como uma fonte bastante fidedigna devido à estabilidade de seu texto, pois de um manuscrito a outro, no total de oito conservados até hoje, há poucas diferenças substanciais (p. 221).

Pois bem, na continuidade da abordagem de George Minois Lassabatère insere a sua obra, afirmando, ao trabalhar com textos literários que ora preenchem as lacunas deixadas pelos documentos oficiais, ser possível revelar ainda algo da história e da biografia de Du Guesclin (p. 20). É o que ocorre, por exemplo, com as informações sobre a infância do cavaleiro cuja única fonte é o texto de Cuvelier (p. 49). A análise de Lassabatère para essas lacunas preenchidas pela literatura é bastante crítica, sem deixar de dar crédito suficiente para que sejam ainda assim contempladas pelos estudos historiográficos, pois ele acredita que ao buscar explicar o mito Du Guesclin construído ao longo do tempo também alargaremos a compreensão sobre o personagem, dado que a mitificação já faz parte de sua história (p. 21).

A obra *Du Guesclin* é apresentada em sete capítulos, que contam a cronologia de Du Guesclin; a introdução e a conclusão que além das considerações finais do autor trata da morte de Du Guesclin em 1380 como o início de sua *transfiguração* na História. O trabalho de Lassabatère oferece ao leitor também alguns anexos, entre eles o que traz uma interessante análise da estrutura da obra de Cuvelier no que se refere às sequências retóricas, como nomeia o autor, constantes na canção, totalizando 75 sequências narrativas com destaque para os momentos no texto em que o trovador faz seus apelos ao público, intervém no discurso, insere conjunções lógico-temporais e alude aos argumentos de verdade e de autoridade, como quando assim afirma “la ystoire nous dit et va signifiant (v. 21007, na edição de Jean-Claude Faucon). Ao explanar suas considerações sobre a trajetória de Du Guesclin, Thierry Lassabatère põe em destaque os acontecimentos mais relevantes ocorridos naquele século, eram tempos de crise econômica, de peste e de guerra (p. 31).

Ao investigar o texto de Cuvelier, Thierry Lassabatère o coloca ao lado do de outros autores como Jean Froissart (1337±1410), Christine de Pizan (1364-1430) e Eustache Deschamps (1340-1404), além de fazer muitas alusões a outras crônicas daquela contemporaneidade como a *Chronique normande du XIVe siècle*, a *Chronique dite de Jean de Venette*, a *Chronique des quatre premiers Valois,* a *Chronique du bon Duc Louis de Bourbon* e as *Grandes Chroniques de France,* citando apenas algumas de suas inúmeras referências, e também as crônicas que fizeram a passagem para a prosa dos versos de Cuvelier entre os anos de 1387 e 1393. Dessa forma, o historiador recupera dados importantes para mais do que apresentar a seus leitores a vida do cavaleiro bretão, analisar os diferentes discursos desses homens e mulheres de letras contemplando seus enganos e suas possíveis manipulações, como a que o autor sugere que Froissart tenha feito, por exemplo, ao reescrever alguns de seus manuscritos: da primeira para a segunda redação, ou seja, dos anos de 1370 para 1390, o cronista de Valenciennes pode ter dado maior destaque para Bertrand Du Guesclin, pois com o passar dos anos, já reconhecido por seus atos de bravura e tendo sido eleito condestável das hostes de Charles V, Du Guesclin teria se tornado merecedor para que Froissart deferisse ao momento da nomeação à *connétablie* maior reverência (p. 336-340).

Lassabatère oferece ao leitor uma proposta de análise bastante interessante da trajetória de Du Guesclin. Ao reconstituir os passos do cavaleiro, o historiador salienta a importância de uma rede de relações mantida pelo bretão que o levou cada vez para mais perto do rei Charles V e sua consequente nomeação a condestável (p. 424). Essa rede de fidelidade se faz notória no ano de 1364 que o historiador chama de "ano chave na carreira de Du Guesclin", pois foi o ano em que o cavaleiro se revelaria como um "grande chefe militar e estrategista capaz de dirigir as grandes batalhas e as campanhas de envergadura" (p. 425), como foram as batalhas de Cocherel e Auray em maio e setembro daquele ano. Foi também ao narrar as conquistas do cavaleiro durante esse período que Cuvelier introduziu na canção a figura do rei Charles V, ainda enquanto delfim, estando prisioneiro na Inglaterra o seu pai, o rei Jean II le Bon que viria a falecer naquele ano.

Muito embora Lassabatère estabeleça com muito cuidado essa rede de relacionamentos favoráveis ao renome construído de Du Guesclin com a sensível ajuda de Cuvelier, não cremos que ela o tenha colocado em posição de rivalizar com a figura do rei, como o historiador sugere ao se perguntar sobre essa leitura possível dos versos do trovador da Picardia. Lassabatère se refere aqui ao primeiro encontro entre o delfim Charles e Du Guesclin na ocasião do cerco de Melun, em possessão do rei de Navarra, em 1364. O historiador afirma que o episódio

> Instaura uma concorrência entre os dois personagens, tratados de igual para igual, sobre um mesmo plano linguístico e discursivo, chegando até a sugerir a possibilidade de um Du Guesclin usando a coroa no lugar de seu rei ou, ao menos, dirigindo seus exércitos com seus próprios meios e segundo sua própria autoridade, como se eles fossem seus próprios exércitos (p. 427).

Ainda que a canção de Cuvelier se insira em uma tradição de canção de gesta em que os heróis ultrapassam em valentia e feitos de armas a seus reis, seus interlocutores, acreditamos que Cuvelier coloque seu herói no mesmo patamar que o rei a quem o cavaleiro foi fiel com devoção até o momento de sua morte, para exaltá-lo ainda mais, sem que o rei viesse a ser ultrajado pela ousadia de seu futuro condestável. Mesmo assim, atribuir a Cuvelier tamanha crítica contra a imagem do rei, lembremos, o trovador compunha sua obra nos primeiros após a sagração de Charles VI cujo governo fora entregue nas mãos dos tios, dada a menoridade do delfim, é uma leitura válida, mas arriscada.

Ao oferecer a seu público um estudo lexical instigante, Lassabatère discorre sobre as ocorrências e sobre o uso dos vocábulos "France e "Français" na canção de Cuvelier para designar a comunidade "nacional", palavra destacada entre aspas pelo autor, por exemplo. O historiador afirma que há usos diferentes, pois, o termo "Français" na canção pode designar tanto os moradores da região de Île-de-France quanto se referir a todos os habitantes do reino da flor de lis, o que remete a um uso moderno do vocábulo (p. 368-369), é o que ocorre principalmente nos episódios que se passam em Castela, quando da campanha das Grandes Companhias, em que os dois termos são usados nesse sentido mais amplo e de nossa contemporaneidade. Lassabatère avança ainda, dizendo que tal uso não é sem consequência, já que este, dentre outros detalhes, faria do trabalho do trovador um espelho da ideologia política da dinastia dos Valois (p. 368). Aliás, é a "doce França" que Du Guesclin evoca no momento de sua morte nos versos de Cuvelier, e não sua Bretanha natal (v. 24252).

Há que se reconhecer que o trabalho de Thierry Lassabatère coloca de forma venturosa a contribuição de Cuvelier para a história de Bertrand Du Guesclin, pois o historiador aponta de que forma o trovador construiu seu texto para alcançar tal longevidade: ao amalgamar duas tradições, a gesta e a épica e até mesmo ultrapassando seus limites quando das narrativas das batalhas e seu ritmo um tanto mais acelerado, diz Lassabatère, acaba que aproximando sua canção da crônica. Vê-se aí a influência de outro gênero deveras frutuoso, o romance (p. 18).

Ao realizar a leitura do texto de Lassabatère, o leitor, especializado ou estudante, é capaz de obter elementos que o levam, por sua vez, a construir ou reconstruir uma imagem de Du Guesclin um tanto mais atento aos meandros da escrita do fim do século XIV, o que já denota uma boa colaboração de Lassabatère aos estudos sobre o condestável e a Guerra dos Cem Anos que se realizam na atualidade.

